



## **REPENSAR A RESISTÊNCIA ARMADA NA AMÉRICA LATINA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CONECTADA**

Carlos Eduardo Malaguti Camacho  
Mestrando em História  
Universidade Federal de São Paulo  
e-mail: cmalagutti@gmail.com

### **Resumo**

O presente texto propõem algumas reflexões sobre as possibilidades de pesquisa sobre as experiências de luta armada na América Latina no contexto de renovação das esquerdas após a revolução cubana. Partindo dos apontamentos acerca das conexões históricas, serão apontados possíveis caminhos de pesquisa que trazem potencialidades para uma nova visão sobre os projetos e concepções ideológicas das organizações guerrilheiras no continente. O objetivo é mostrar como a metodologia da conexão histórica serviu para focar os grupos guerrilheiros por outro horizonte, e nesse sentido, foi possível perceber significativas formulações sobre uma perspectiva de ação continental por parte dos Tupamaros. Por outro lado, também se notou importante papel do grupo uruguaio como matriz formadora das táticas de guerrilha adotadas pela ALN além de apontar indícios de atuação em conjunto de ambos.

Palavras-chave: guerrilha, esquerda, história conectada.

### **Resumen**

Este texto propone algunas reflexiones acerca de las posibilidades de investigación de la lucha armada en latino america en lo contexto de la renovación de la izquierda después de la revolución cubana. A partir de las concepciones acerca de la historia conectada, se señaló posibles vías de investigación que traen potencial para una nueva visión de los proyectos y de las concepciones ideológicas de las organizaciones guerrilleras en el continente. El objetivo es mostrar cómo esta metodología sirvió para enfocar los grupos guerrilleros en el otro horizonte, y en ese sentido, fue posible realizar formulaciones significativas con respecto a la perspectiva del acción continental por los Tupamaros. Por otro lado, también se ha señalado un papel importante del grupo uruguayo como una matriz de tácticas de guerrilla adoptadas por la ALN.



Palavra-clave: guerrilla, izquierda, historia conectada.

## **A metodologia da História conectada**

A metodologia que se intitula de História conectada nasce das discussões sobre a globalização no mundo contemporâneo. Porém, alguns de seus críticos mais importantes defendem sua utilização a partir de críticas realizadas à metodologia da comparação histórica. Nesse sentido, é importante pontuar rapidamente a trajetória de formação desse campo epistemológico. Segundo alguns influentes autores que pensam a metodologia da História comparada, sua importância está em “formular generalizações por meio de observações de recorrências; demonstrar as singularidades por intermédio da observação das diferenças; e ajudar a produzir explicações causais”. (PRADO, 2005, P. 22) Nesse sentido, analisar os projetos e ações de ambos os grupos tomados aqui como objeto de estudo, que surgiram no contexto da renovação e radicalização das esquerdas latino-americanas, mas também impactadas por conjunturas políticas e sociais próprias de cada país, permitirá aprofundar a compreensão das lutas de libertação nacionais empreendidas pelas esquerdas armadas na América Latina.

Mariana Martins Villaça, ao explicar as propostas de Maurice Aymard para a metodologia comparativa, afirma que para o autor francês a validade da comparação “esta na tarefa de buscar as relações de complementaridade ou de exclusão que as expliquem e estructurem”. (VILLAÇA, 2004, P. 23) Para Aymard, o uso do método comparativo é válido porque “causas semelhantes não produzem, sempre e sob qualquer aspecto circunstância, os mesmos efeitos; e efeitos semelhantes podem, por sua vez, remeter a causas diferentes”. (VILLAÇA, 2004, P. 24)

Para realizar pesquisa histórica partindo da metodologia da História comparada, é preciso tomar alguns cuidados. Maria Lígia Coelho Prado enfatiza a importância de, ao traçar linhas de comparação, observar pontos verdadeiros de relação entre os objetos destacados para análise, com o objetivo de fugir da justaposição de histórias nacionais ou então da aproximação “formal” entre dois objetos.

Considerando a pertinência dessa observação, é necessário destacar que os grupos selecionados como objetos para essa investigação possuem semelhanças em suas propostas de ação guerrilheira, defendendo estratégias similares, conquistando algumas vitórias políticas, e principalmente, se destacando como os grupos com maior organização e recursos no período em ambos os países<sup>1</sup>. Também há um paralelo com relação ao modo como foram desarticulados e dizimados perante as forças repressivas dos

---

<sup>1</sup> Denise Rollemberg afirma que o governo Cubano enxergou na ALN a organização com mais condições de realizar a revolução. CF: ROLLEMBERG, Denise. O Apoio de Cuba à luta armada no Brasil. Perseu Abramo, 2001.



Estados brasileiro e uruguaio. Quanto ao aspecto específico das estratégias de ação, se observa que os dois grupos se destacaram por realizar ações armadas em regiões urbanas, e que lograram êxito em ações de sequestro buscando a libertação de presos de suas organizações. Entende-se que, por esses motivos, há seguramente vários pontos de comparação entre os grupos, e que a análise comparada dos objetos nos permite construir uma mirada perspectiva sobre os próprios grupos, e de modo geral, sobre a esquerda latino-americana.

Por outro lado, o mundo globalizado foi responsável por apontar um caminho para além da comparação, percebendo possíveis relações que existiriam e que relacionassem dois contextos nacionais distintos. A própria Maria Lígia Coelho Prado parte dessa perspectiva observando os trabalhos de Serge Gruzinski e de Sanjay Subrahmanyam, a fim de demonstrar que “há mais complementação entre comparação e conexão do que exclusão”. (PRADO, 2005, P. 27) Com isso, a autora defende que os pesquisadores brasileiros enriqueceriam suas produções caso olhassem para a América Latina nessa perspectiva. Foi atentando para essas ponderações que essa pesquisa investigou as relações diretas e indiretas entre o grupo uruguaio e o brasileiro verificando a existência de intercâmbios entre militantes da ALN e dos Tupamaros. Nesse sentido, encontrou-se diversos relatórios de prisão de opositores identificados como sendo integrante dos Tupamaros na documentação do Fundo DEOPS/SP<sup>2</sup>. Apesar de todo o cuidado que se deve ter quando se utiliza as fontes produzidas pela repressão, cruzando essas fontes com a bibliografia sobre as relações repressivas existentes entre os dois países, se observou diversas informações obtidas pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) de que militantes Tupamaros tinham planos de entrar no Brasil para participar de ações armadas em conjunto com organizações brasileiras. (FERNANDES, 2009, P. 35)

Entretanto, o uso dessa metodologia requer certos cuidados que o pesquisador deve tomar. Para isso, é importante retomar aquele que segue sendo um dos pioneiros trabalhos de análise comparativa. Marc Bloch, na defesa do uso da comparação como metodologia de análise histórica, defende que o método comparativo é “um instrumento técnico, de uso corrente, manejável e capaz de levar a resultados positivos”. (BLOCH, 1963, P. 16) Dessa forma, começa a se delinear certos procedimentos que vão se colocando como próprios para a História Comparada. Prado afirma que:

“Para Bloch, deviam-se escolher dois ou mais fenômenos que parecessem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre eles, em um ou vários meios sociais diferentes; em seguida, descrever as curvas de sua evolução, constatar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicá-las à luz da aproximação entre uns e outros. De preferência, propunha estudar

---

<sup>2</sup> Fichas Remissivas. “Tupamaros”. Acervo Deops/SP. Arquivo Público do Estado de São Paulo.



paralelamente sociedades vizinhas e contemporâneas, sociedades sincrônicas, próximas umas das outras no espaço”. (PRADO, 2005, PP. 17 e 18)

É importante retomar as contribuições de Marc Bloch porque elas não se restringem aos aspectos metodológicos, pois o autor também problematiza os limites que a História Nacional possui, indicando que “a unidade do lugar é apenas desordem.” O historiador também atenta para o perigo de naturalizar questões a partir do presente. Ou seja, uma vez que a ideia de Nação é uma construção do mundo contemporâneo, as historiografias que tomam sua definição como central podem incorrer no erro de naturalizar certos aspectos que são mais profundos.

Na pesquisa realizada por Bloch sobre os *Reis Taumaturgos*, o autor demonstra como as fronteiras nacionais construídas posteriormente serviram para camuflar as relações existentes entre Espanha, Inglaterra e França. Analisando a construção do poder sobrenatural atribuído aos reis durante o período medieval, o autor apresenta a hipótese de que os rituais de unção dos reis teriam nascido primeiro na região da atual Espanha, entre os reis Visigotos, e posteriormente teriam migrado para a região da França após as invasões árabes. Bloch afirma que foi apenas o estudo comparado que permitiu observar tais aspectos de nascimento desse ritual, uma vez que as fronteiras nacionais construídas posteriormente encobriam tais questões.

Esses apontamentos feitos pelo historiador francês são muito importantes por mostrar que as noções geográficas constituídas a partir da construção dos Estados Nacionais muitas vezes são perigosas para o trabalho do historiador, principalmente quando ele trata de experiências históricas anteriores a formação dos mesmos. Esse não é o caso da análise proposta aqui, porém a noção do espaço nacional como definidor de pesquisas também pode se tornar um problema, como será visto posteriormente.

A partir das considerações feitas por Marc Bloch para realizar estudos comparados, é possível problematizar o uso dessa metodologia para os casos da América Latina, que pode ser bastante pertinente para a compreensão dos fenômenos específicos dessa região. Nesse caso, o trabalho de Magnus Mörner, Julia Fawaz de Viñuela e John French foi um marco nas discussões sobre história comparada para a América Latina, pois além de fazer um balanço sobre os objetos privilegiados por essa metodologia, também defende o método como capaz de trazer inovações para os estudos históricos. (MÖRNER; DE VIÑUELA; FRENCH, 1982) Nessa perspectiva apresentada pelos autores, fica claro como certos temas como o populismo, as imigrações e a escravidão se colocam como proeminentes nas pesquisas comparativas no continente.



Colocadas todas as ponderações feitas por Maria Lígia Coelho Prado, é preciso ressaltar que a historiografia brasileira encarou tais problemas, e nos últimos anos surgiram importantes obras de História comparando o Brasil com outras nações latino-americanas. Dois trabalhos que utilizaram essa perspectiva são destacados por Prado em seu artigo: a tese de Doutorado de Gabriela Pellegrino Soares, que analisa a formação da literatura infantil no Brasil e na Argentina, entre os anos de 1915 e 1954 (SOARES, 2007) e a dissertação de Mestrado de Mariana Martins Villaça, que compara o Tropicalismo no Brasil com o movimento *Nueva Trova*, cubano, entre os anos de 1967 e 1972 (VILLAÇA, 2004). As duas obras são consideradas como referências para os estudos comparados por analisar fenômenos históricos análogos, a partir de documentação específica para cada caso, mas com a intenção de compreender os aspectos similares e específicos de cada processo histórico. Para além dessas obras, o trabalho de Maria Helena Capelato sobre os governos *populistas* no Brasil e na Argentina, pode ser considerado como um clássico sobre história comparada a partir do Brasil. (CAPELATO, 1998) Essas obras são exemplos de trabalhos que, seguindo os apontamentos de Marc Bloch, conseguiram trazer questões que avançaram na compreensão de especificidades existentes nos fenômenos históricos estudados por ambos os autores.

Em artigo publicado no ano de 2001, o historiador francês Serge Gruzinski aponta para limites de compreensão das análises comparadas na historiografia, retomando a crítica do eurocentrismo já discutida aqui, apontando principalmente para as dualidades colocadas nos estudos da América Latina, como por exemplo os europeus e os indígenas, e para superar tais limites, seria necessário fazer análises conectadas, que seria múltiplas e possibilitariam comunicações. O autor trabalha com o termo *passseurs*, que seriam mediadores de grupos e sociedades, e que seriam essas figuras que permitiriam as conexões entre tais grupos e sociedades, enfatizando o “mundo globalizado” e apontando diversos sujeitos históricos em constante trânsito e circulação. Concordando com essa perspectiva, é preciso assinalar que tanto a incidência de ideias da esquerda latino-americana renovada, quanto a repressão sofrida por ALN e Tupamaros durante o contexto estudado, podem ser entendidas como esses possíveis mediadores que, segundo Gruzinski, permitiria a conexão entre ambos os grupos. Utilizar tal perspectiva para desenvolver essa pesquisa traz potencialidades para uma compreensão desse fenômeno político da América Latina que pense semelhanças e diferenças, mas que também não esbarre em fronteiras nacionais, mas que consiga compreender a História para além dessas barreiras construídas.

Portanto, é importante observar a trajetória da metodologia aqui apresentada para compreender sua atualidade no pensamento histórico. Além disso, tal aparato metodológico serviu para revelar outras



nuances nas experiências de luta armada, indo para além de suas trajetórias enquanto grupos que atuaram exclusivamente nos seus territórios nacionais e que tiveram concepções revolucionárias que pensavam toda a América Latina. E sobretudo, o uso desse método que pensa as conexões entre os grupos também serviu para compreender importantes componentes na composição da cultura política de cada grupo. Por isso que é importante não se esquecer de observar as zonas de contato e os intercâmbios existentes entre as organizações, que forçados ou intencionais, conectaram de alguma forma os grupos guerrilheiros, e dessa forma, concordando com Serge Grunziski e com Maria Lígia Coelho Prado, o uso da comparação e da conexão podem ser complementares, para produzir assim uma renovação na perspectiva historiográfica.

### **A proposta de revolução continental no projeto revolucionário *tupamaro*.**

Para compreender o contexto uruguaio em que os Tupamaros passam a atuar, é preciso ressaltar certas peculiaridades do desenvolvimento histórico do Uruguai, que até os anos 1950 apresentara relativa estabilidade econômica e política e poucos conflitos internos (ARTEAGA, 2002). No entanto, todo esse desenvolvimento econômico e social teve uma queda abrupta quando o país mergulhou em uma crise econômica a partir de 1955, com a queda na demanda dos dois principais produtos agrícolas da região – carne e lã – o que causou principalmente alta taxa de desemprego e de inflação. Além disso, a tensão social foi aumentando com o crescimento do nível de corrupção existente na burocracia estatal do país, que empregava em torno de 20 % da população. (NAHUM, 1995, P. 232)

Diante desse quadro, o país viu o surgimento de diversos grupos progressistas que indicavam o esgotamento do bipartidarismo da esquerda uruguaia. No início dos anos 1960, surgiram grupos de esquerda com as mais distintas tendências, como a Federación Anarquista Uruguay (FAU), o Movimiento de Izquierda Revolucionária (MIR), o Movimiento Revolucionario Oriental (MRO), o Movimiento de Apoyo AL Campesinato (MAC), entre outros. Não obstante, a esquerda uruguaia sofreu um grande revés nas eleições de 1962, quando as duas coligações em que toda a esquerda do país se inseria conquistou, juntas, apenas 5,9 % dos votos. (GIORGI, 2011, P. 35)

Essa derrota eleitoral marcou, para alguns historiadores, um ponto de inflexão na radicalização de diversos grupos que passam a considerar a opção da luta armada. NAHUM; FREGA; MARONNA; TROCHÓN, 1990, PP. 23 e 24) Dentre eles, destacou-se o *Coordinador*, criado nesse mesmo ano de 1962, ao reunir diversos pequenos grupos já existentes.. O *Coordinador* protagonizou diversas ações impactantes, como o roubo de armas que aconteceu no dia 31 de julho de 1963, no *Club de Tiro Suizo*,



atentados contra empresas multinacionais, e roubo de alimentos que seriam repartidos nos bairros pobres de Montevideú.

Como fruto da radicalização desse coletivo, em 1965 houve a formalização do nascimento da organização que viria a se tornar o mais importante grupo de guerrilha urbana do Uruguai, o Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros<sup>3</sup>. O MLN-Tupamaros era originalmente constituído de forma eclética, tendo em suas fileiras socialistas, camponeses que trabalhavam na cana de açúcar e militantes provenientes em sua maioria do MRO (Movimiento Revolucionario Oriental) e do MAC (Movimiento de Apoyo al Campesinato), reunidos sob a liderança de Raúl Sendic<sup>4</sup>. Diferente do que ocorre com a ALN, que surgiu após a instauração da Ditadura, e que tem como objetivo primeiro a derrubada do regime militar no Brasil, a fundação dos Tupamaros aconteceu 8 anos antes do Golpe Civil-Militar no país. Suas ações, estratégias e projetos aparecem primeiramente como ferramentas para deslegitimar o governo vigente, denunciar a ação de empresas multinacionais, e com isso empreender a luta pela revolução social. (GIORGI, 2011)

O MLN-Tupamaros foi um grupo guerrilheiro intensamente preocupado com suas formulações teóricas, que tinham como foco traçar quais seriam as linhas a serem desenvolvidas pela organização em sua luta revolucionária. Esse perfil fez com que diversos documentos sobre a linha política do grupo fossem produzidos, textos esses que contavam com debates de diversos militantes da organização guerrilheira. O uso desses documentos é bastante rico para o estudo das concepções políticas e estratégicas que o movimento desenvolveu ao longo de sua trajetória.

No conjunto desses documentos se encontram aqueles que foram produzidos coletivamente a partir de grandes encontros realizados pela militância do Tupamaros, como é o caso do chamado *Documento I*, elaborado em 1967, que foi fruto do primeiro congresso tupamaro. Tal texto tem um total de 11 páginas, e é muito significativo que o tópico que abre as elaborações ali contidas fale sobre a importância da *continentalidad*.

Nesse tópico, o Tupamaros apresenta a questão da seguinte forma:

Es un derecho y un deber que las organizaciones revolucionarias colaboren con sus máximas posibilidades en la construcción y elaboración de la estrategia continental. Las tareas nacionales e internacionales se complementan. Es necesario coordinarlas y conectarlas. No deben perjudicarse mutuamente. (DOCUMENTO 1, MLN-Tupamaros, 1967)

---

<sup>3</sup> MLN-Tupamaros, ou apenas Tupamaros, se inspiraram no último imperador Inca, Tupac Amaru, para seu nome.

<sup>4</sup> Raúl Sendic foi um advogado uruguaio, que ingressou como militante do partido socialista desse país em 1952, quando entrou na Faculdade de Direito da Universidade de La República, em Montevideú, tendo se desligado do partido quando formou o MLN-Tupamaros. Sua atuação política começou, de certa forma, quando passou a defender as causas trabalhistas dos integrantes da indústria açucareira da cidade de Paysandú, no norte do Uruguai, após ter saído da Faculdade.



Fica claro nessa primeira elaboração que a estratégia revolucionária empreendida pelo grupo buscou aderir de maneira decisiva uma perspectiva que abrangesse o continente latino-americano como um todo. O grupo julga ser essencial que a perspectiva de luta confluísse do campo regional para o continental. E para fazer isso, as organizações guerrilheiras deveriam colaborar entre si. As defesas dessa estratégia continental são amplas. Utiliza-se, no primeiro momento, o argumento de que a própria repressão seria continental, articulada pelo imperialismo norte-americano, visto como o grande inimigo do Tupamaros.

La represión y la contrarrevolución se continentalizan. La revolución no debe detenerse en las fronteras nacionales. América Latina, y por lo tanto nuestro país, forman parte del sistema imperialista mundial. Su liberación, entonces, depende de la derrota a escala continental del imperialismo. (DOCUMENTO 1, MLN-Tupamaros, 1967)

Nota-se que ao eleger os Estados Unidos como sendo o principal inimigo a ser combatido, a organização de luta armada busca defender que a estratégia de revolução deve ser lutar para erradicar esse próprio imperialismo que segundo os mesmos, estaria assolando o continente. É a partir desse ponto que se desenvolve a elaboração da ideia de luta continental, o que vai ser decisivo na busca de articulação entre as organizações de guerrilha que lutaram na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970. Portanto, é possível afirmar que a estratégia de luta em conjunto com as demais organizações de guerrilha no continente americano era parte essencial da concepção revolucionária presente no pensamento dos militantes tupamaros, como indica o seguinte trecho: “Mientras no se modifique esta situación, es imposible pensar en la liberación en términos nacionales, independientemente del resto de América Latina”. (DOCUMENTO 1, MLN-Tupamaros, 1967).

Observando tais definições se nota que ara o grupo seria fundamental a organização em conjunto para atuação guerrilheira no continente. Nesse sentido, é possível afirmar que fazia parte do projeto revolucionário dos Tupamaros a perspectiva de atuação com demais grupos guerrilheiros da América Latina. Tendo em vista essa importante formulação, será visto a partir de agora uma experiência concreta de atuação em conjunto, através da Junta de Cordinación Revolucionária, a JCR, no qual o grupo uruguaio aparece como sendo protagonista em sua formação e atuação.

### **Experiências de ação em conjunto das guerrilhas latino-americanas.**



A perspectiva de revolução continental para toda a América Latina já estaria presente no próprio pensamento político e nas ações que o próprio Che Guevara já havia se encarregado de difundir perante o continente, sobretudo quando fundou o “Exército de Libertação Nacional”, o ELN, na Bolívia, em 1966. Essa organização tinha como objetivo organizar os camponeses e contava com apoio de guerrilheiros do próprio país, junto com peruanos e cubanos e esperavam difundir a partir das selvas bolivianas a revolução por todo o continente. Data desse mesmo ano “a Mensagem à Tricontinental”, escrita por Guevara nas montanhas bolivianas no início de 1967, que demonstra o caráter internacionalista da revolução socialista, e também a intenção de colocar o *terceiro mundo* como o lugar da revolução. (LÖWY, 2006, P. 303)

Sendo assim, o próprio pensamento político que baseava grande parte das organizações de luta armada já estava impregnado por uma ideia que se propunha a encarar a tarefa revolucionária como sendo de toda a América Latina. Só assim o projeto teria condições de ser vitorioso.

No entanto, a bibliografia sobre o tema procura apresentar cada experiência de luta armada na sua especificidade, muitas vezes apontando perspectivas distintas umas das outras, fazendo com que se proliferassem grupos distintos que não conseguiam se organizar e lutar em conjunto<sup>5</sup>. É evidente que no caso brasileiro e mesmo nos demais países da América Latina, rachas internos e dissidências fizeram parte das organizações clandestinas e que houve em alguns casos um conjunto muito grande de grupos, como é o próprio caso brasileiro. Porém, ao nos debruçarmos sobre as trajetórias das organizações é possível perceber que o horizonte de ação em conjunto não se restringiu exclusivamente as elaborações teóricas, mas foi parte importante das próprias ações dos grupos.

Talvez a principal experiência de articulação entre as diversas organizações de luta armada tenha sido através da Junta de Cordinación Revolucionária, a JCR, criada a partir do contato do ELN boliviano e do Movimiento de Izquierda Revolucionária, o MIR do Chile. Segundo Izabel Priscila Pimentel da Silva, essa Junta nasceu quando o Chile passou a ser governado por Salvador Allende e o país se tornou uma espécie de exílio para os diversos militantes da luta armada na América Latina. Isso significou um espaço bastante importante de refúgio que acabou se tornando importante e viabilizou a formação da JCR.

Segundo Da Silva,

---

<sup>5</sup> Essa interpretação normalmente se restringe ao campo da historiografia brasileira. Estamos nos referindo aqui ao conjunto de intérpretes dos significados e erros da luta armada no Brasil, do qual fazem parte as obras de Jacob Gorender, Daniel Aarão Reis Filho e Marcelo Ridenti.



No final de 1972, a sintonia entre estas organizações, que já se consideravam “hermanas”, começou a ganhar contornos de formalização. Em novembro daquele ano, reuniram-se em Santiago as principais lideranças do MIR, do ERP e do MLN-Tupamaros. Foi então criada a *Junta de Coordinación Revolucionaria* (JCR), que deveria ser a concretização da visão estratégica de “Che” Guevara. (DA SILVA, P. 64, 2014).

A JCR pode ser vista como a expressão mais acabada da tentativa de coalizão entre distintas organizações de luta armada e representa de maneira bastante elucidativa que o projeto das organizações tinha espaço para a proposta continental. Porém, anteriormente a ele, foram feitas várias tentativas de atuação em conjunto entre o Tupamaros e a Ação Libertadora Nacional, a ALN.

A ALN foi criada em 1967 a partir do rompimento de diversos militantes do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, que criticavam a chamada via pacífica e aderiram ao projeto encampado por Carlos Marighella, de que a única saída para a revolução brasileira seria através da luta armada. Dentre os militantes que romperam com o partido, estava Edmur Péricles da Silva, militante do PCB desde 1944 e que também criticava o partido pela estratégia de luta utilizada desde o golpe de 1964. Gaúcho – como era conhecido Edmur – viajou ao Uruguai ainda em 1964 e treinou guerrilha com militantes do Tupamaros<sup>6</sup>, aprendendo principalmente estratégias de sobrevivência. Esse contato já é significativo pois mostra que a relação entre os dois grupos foi algo construído paulatinamente, e os vínculos se estabeleceram antes da própria criação da organização revolucionária brasileira e teve como núcleo articulador a figura desse militante que por conta própria já havia tido contato com o grupo uruguaio, principalmente por frequentar a região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, facilitando assim o trânsito entre os países.

Ao que indica a documentação, foi o próprio Gaúcho que se tornou responsável pelos primeiros contatos entre as organizações. Não há a possibilidade de mapear de maneira concreta como as articulações entre o grupo brasileiro e o uruguaio aconteceram, porém é possível observar que a partir de 1969, quando a ALN já atuava fortemente no Brasil e se consolidava como o principal grupo de luta armada naquele país, começou a acontecer um contato mais formal entre as duas organizações, que partiam de propostas das próprias organizações.

O primeiro indício dessa relação entre os grupos aparece no material apreendido pelo DOPS na ação feita no “aparelho” de Aton Fon Filho, militante da ALN, em 29 de setembro de 1969. Junto de

---

<sup>6</sup> Nesse momento o Tupamaros não havia sido criado como organização de luta armada. O treinamento aconteceu com militantes do Coordenador, que logo em seguida fundariam o MLN-T.



armas, munições e materiais para fabricação de bombas caseiras, o DOPS apreendeu uma cartilha de guerrilha urbana desenvolvida pelo Tupamaros e escrita em espanhol<sup>7</sup>. (Acervo Deops. 30-Z-160-2178) Esse tipo de material evidencia uma espécie de inspiração no modo de atuação que o grupo uruguaio exercia sobre a ALN, principalmente na concepção de estratégia guerrilheira. Porém o que chama a atenção é a materialidade da cartilha, que estava escrita em espanhol e que foi produzida pelo próprio grupo uruguaia. Isso indica claramente que havia algum tipo de relação estabelecida entre ambos os grupos que permitia a troca de informação e de material entre eles.

O que parece ser fundamental aqui é o papel no campo teórico e de formação que a guerrilha *tupamara* apresenta para o grupo brasileiro. Essa cartilha de atuação guerrilheira demonstra que militantes da ALN estava interessados na própria forma de atuação que o grupo uruguaio havia estabelecido, e buscou inspiração e formação nesses métodos de luta. Ou seja, os Tupamaros se colocam, em alguma medida, como um elemento formador da metodologia de luta guerrilheira da ALN, incidindo assim na própria cultura política dessa organização. Isso demonstra claramente que os militantes do grupo brasileiro, por mais que se inspirassem no modelo cubano, também estavam atentos para as outras experiências de luta armada que estavam acontecendo na América Latina naquele período.

Essa relação fica ainda mais evidente quando se tem contato com fontes da liderança da ALN. Em documentação encontrada com Joaquim Câmara Ferreira, que se tornou o líder da ALN após a morte de Carlos Marighella, em novembro de 1969, é possível mapear em cartas trocadas por ele com outros militantes da organização brasileira os contatos feitos com o Tupamaros.

Na escrita da carta é utilizado um código numérico para evitar que a repressão possa identificar o conteúdo da mesma. A própria decifração dessa código já revela que o contato com o Uruguai e o Tupamaros em si já era algo bastante comum, uma vez que o país era identificado pelo número 36 e o grupo guerrilheiro possuía o número 37 para representa-lo (FUNDO DEOPS, 30-B-152-286). Os tupas são o único grupo que possui um número nesse código desenvolvido por Ferreira nessa troca de informações, o que já demonstra sua importância.

No conteúdo da epístola, reserva-se uma página para relatar o encontro feito entre um militante da ALN e integrantes do Tupamaros, cujo resultado foi a resposta positiva para realização de uma ação conjunta entre as duas organizações. (FUNDO DEOPS, 30-B-152-286).

---

<sup>7</sup> A cartilha é citada pelo relatório do DOPS



Não há no conteúdo da carta maiores informações sobre qual seria essa ação, nem sequer onde ela aconteceria. Porém é muito significativo observar que em meio as experiências revolucionárias desenvolvidas internamente nos seus países, os dois grupos buscaram se aproximar e tentaram integrar ações conjuntas visando promover a revolução social na América Latina. Como já foi visto, isso estava presente nas próprias elaborações teóricas tupamaras e no pensamento de Guevara – fonte de inspiração direta para os dois grupos aqui analisados. Porém é bastante sintomático perceber que isso saiu do campo teórico e os militantes buscaram criar formas de colocar esse projeto na prática. Isso revela que mesmo em meio a forte repressão e aos contextos internos de cada país, houve uma articulação entre os dois grupos.

### **Conclusões**

Muito mais do que apontar quaisquer conclusões definitivas sobre as formas e os significados dessa atuação em conjunto, o objetivo aqui era demonstrar o contato existente entre ambas organizações guerrilheiras, com o intuito de chamar a atenção para a importância de compreender as experiências de luta armada não apenas nos seus contextos nacionais, mas também como empreendimentos de um projeto continental.

Esse projeto revolucionário que se desenvolveu durante os anos de 1960 e 1970 na América Latina é muito estudado no campo das elaborações teóricas e concepções ideológicas. Dessa forma, se aproximam os movimentos a partir da ideologia *foquista* e da via armada como estratégia para a revolução. Além disso, também se procura demonstrar o papel que o governo cubano teve em apoiar, direta ou indiretamente diversas guerrilhas no continente. Porém, pouco se busca olhar para essas experiências de modo a compreender relações materiais criadas entre elas durante seus anos de atuação.

Ter esse olhar para as experiências de luta armada pode abrir um campo muito frutífero para as pesquisas, principalmente através da tentativa de compreender quais foram os significados dessa atuação em conjunto, como se construiu sua articulação e, principalmente, quais os resultados dela na configuração de uma cultura política própria dessas organizações de luta armada. Portanto, a metodologia da história conectada pode ser essencial para que possa criar uma nova forma de abordar as experiências armadas nesse contexto histórico.

É claro que cada ação teve seu contexto interno próprio e as próprias barreiras do Estado Nacional atuaram fortemente para engendrar um tipo específico de projeto revolucionário encampado por cada



organização em seu próprio país. Por outro lado, perceber que a despeito dessas fronteiras geográficas, estava presente na concepção estratégica um plano voltado para o continente e que houve espaço para a criação de vínculos que visavam a atuação em conjunto, mostram que as barreiras nacionais não restringiram totalmente a articulação entre as guerrilhas. O olhar da história conectada pode descortinar ainda outras experiências e trazer uma nova compreensão para os significados da luta armada na América Latina.

### **Referência bibliográfica**

GIORGI, Ana Laura de. *Las tribus de La izquierda: bolches, latas y tupãs em los 60*. Montevideo: Fin de Siglo, 2011.

PRADO, Maria Ligia Coelho, *Repensando a História Compara da América Latina*. REVISTA DE HISTÓRIA DA USP Nº 153) pp. 11 – 33, 2005.

VILLAÇA, Mariana Martins. *Polifonia tropical: experimentalismo e engajamento na música popular (Brasil e Cuba, 1967-1972)*. São Paulo: Humanitas, 2004.

ROLLEMBERG, Denise. *O Apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

GRUZINSKI, Serge. *Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres «connected histories»*. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Éditions de l'EHESS, 2001. p. 85-117.

SUBRAHMANYAM, SANJAY. *Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

FERNANDES, Ananda Simões. *Quando o inimigo ultrapassa a fronteira: as conexões repressivas entre a ditadura civil-militar brasileira e o Uruguai (1964-1973)*. 2009.

BLOCH, Marc. “*Pour une Historie Comparée des sociétés européennes*”. In: *Mélanges historiques*. vol. 1, Paris: S.E.V.P.E.N., 1963. pp. 16-40.

MORNER, Magnus; DE VIÑUELA, Julia Fawaz; FRENCH, John D. *Comparative approaches to Latin American history*. *Latin American Research Review*, p. 55-89, 1982.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2007.



CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Unesp, 1998.

ARTEAGA, Juan José. *Breve Historia Contemporánea del Uruguay*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

NAHUM, Benjamin. *Manual de Historia Del Uruguay. 1903-1990*. Montevideo: Banda oriental, 1995.

NAHUM, Benjamín; FREGA, Ana; MARONNA, Mónica y TROCHÓN, Ivette, *El fin del Uruguay liberal 1959-1973*. Montevideo: Banda Oriental, 1990.

TRISTÁN, Eduardo Rey. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Editorial Fin de Siglo, 2006.

LÖWY, Michael. (org). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo. 2ª edição ampliada, 2006.